Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 231-235
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_109

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

Stanislav Doležal, *The Reign of Constantine, 306–337: Continuity and Change in the Late Roman Empire*. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. Pp. xv + 480. ISBN 978-3-030-97463-3.

João Domingues Pereira

Universidade de Lisboa, Portugal
https://orcid.org/0009-0005-4945-6150

Constantino é um dos imperadores romanos a quem mais biografias modernas foram consagradas. Não obstante, poucas figuras históricas são tão controversas ou tão enigmáticas. A sua conversão religiosa e a sua extrema crueldade polarizam opiniões e alimentam especulações. Sobre a sua vida, várias dúvidas persistem: as nossas fontes transmitem informação frequentemente contraditória e, em não raros casos, deixam-se influenciar pelas 'mentiras oficiais' — a expressão é de Timothy Barnes — da propaganda constantiniana. Será escusado dizer que biografar Constantino não é uma tarefa fácil.

Perante os desafios que uma tal biografia apresenta, o historiador vê-se obrigado a adotar uma atitude particularmente crítica na colação das fontes, ao mesmo tempo que deve evitar sobrevalorizar a política religiosa de Constantino ou especular sobre as suas crenças religiosas em detrimento de aspetos não menos importantes do seu reinado. Tal é a atitude que Stanislav Doležal, da Universidade da Boémia do Sul, adota na sua recente biografia, *The Reign of Constantine, 306–337: Continuity and Change in the Late Roman Empire*, publicada pela Palgrave Macmillan no ano de 2022.

Plenamente consciente do cuidado que as fontes literárias reclamam, Doležal esforça-se por familiarizar o seu leitor com as mesmas em "Literary Sources on Constantine's Time" (pp. 19–43). Após tecer breves considerações sobre a *Constantini imperatoris oratio ad coetum sanctorum* e os panegíricos imperiais, o autor alonga-se numa análise crítica de todas as suas fontes, sem exceção: identifica, quando tal é possível, o autor e apresenta os dados biográficos mais relevantes; precisa a data de elaboração; discute a importância do seu conteúdo; aponta as suas características tendenciosas, etc. Grande cuidado é

* **CONTACT João Domingues Pereira** Email: j.domingues.pereira1@gmail.com

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

dispensado na discussão das obras mais problemáticas, entre as quais encontram-se a *Origo Constantini imperatoris*, a *Historia Augusta*, a *Epitome de Caesaribus* e Zósimo.

Segue-se um enquadramento histórico, em dois capítulos. "The Illyrian Emperors" (pp. 45–165) estende-se da aclamação de Septímio Severo, a 9 de abril de 193 d. C., até ao estabelecimento da Primeira Tetrarquia, a 1 de março de 293 d. C., um 'longo século' profundamente marcado por invasões bárbaras e usurpações imperiais, por crises políticas e por tensões religiosas das quais resultaram importantes reformas administrativas e militares, bem como uma reestruturação do poder político e da sociedade romana que caracterizam a transição para a Antiguidade Tardia. Com "The First Tetrarchy (293–305 CE)" (pp. 167–219), Doležal alarga o horizonte temporal da sua contextualização até 1 de maio de 305 d. C., data da abdicação de Diocleciano e Maximiano. Ao refletir sobre os motivos que terão levado Diocleciano a arquitetar o regime tetrárquico, o autor segue outras autoridades ao concluir que o imperador desejava fortalecer a resposta imperial a ameaças externas e internas, isto é, a invasões e usurpações. A esta curta reflexão seguem-se as biografias dos *caesares* Constâncio I e Galério, algumas considerações sobre a itinerância e a corte imperial tetrárquicas, e a narração dos principais eventos políticos e militares do período entre 293 e 305 d. C. Largo número de páginas é dedicado a expor a importância do cargo de prefeito durante a Primeira Tetrarquia, a explicar as reformas administrativa, monetária e fiscal de Diocleciano e a importância do exército, e a descrever a Grande Perseguição movida contra os cristãos.

A biografia propriamente dita arranca com "Constantine's Life up to 306 CE" (pp. 221–244). Primeiro, Doležal fixa o seu olhar sobre Constâncio e Helena, pais de Constantino: descreve as suas origens, discute a natureza do seu relacionamento e resume a carreira do patriarca dinástico. Do tronco da árvore genealógica, subimos para o primeiro ramo. Quanto à data de nascimento de Constantino, o autor refere que o *dies natalis* é preservado em algumas fontes e repara que a maioria dos autores antigos (Sócrates Escolástico, Sozomeno, Eutrópio, Jerónimo de Estridão e Eusébio de Cesareia) sugere um mesmo ano. Com base nestas observações, Doležal propõe 27 de fevereiro de 272 como a data mais provável. Contudo, o historiador não deixa de considerar outras perspetivas e, no processo, acaba por desmontar a primeira 'mentira oficial' da propaganda constantiniana, segundo a qual o imperador teria nascido algures na década de 280. A seguir, Doležal debruça-se sobre uma segunda 'mentira,' relativa à abdicação de Diocleciano e Maximiano. Contra as fontes pró-constantinianas, segundo as quais o imperador teria sido inicialmente considerado para suceder a Galério como *caesar* do Oriente, o autor conclui, em jeito irónico, que "[i]f, as Lactantius claims, everyone wanted staff officer Constantine to be appointed *caesar*, he must have had a fan club running the length and breadth of the Roman East. Or, Lactantius is lying" (p. 243).

Em “Britain” (pp. 245–264), Stanislav Doležal explora dois temas. O primeiro diz respeito à suposta conspiração que Galério urdiu contra Constantino e à qual o futuro imperador escapou quando partiu ao reencontro do pai, o novo *augustus* ocidental. O autor desmascara esta ‘mentira’ ao denunciar as inconsistências das fontes pró-constantinianas e explica sucintamente o motivo por detrás da partida de Constantino: “at a stroke, Constantine, the hostage held in the East by Diocletian and Galerius, became the son of the ruling *augustus* of the West. With Constantius having to be recognised as the dominant member of this second tetrarchy’s imperial college, Galerius immediately forfeited the right to detain Constantine at his court any longer. Now free to travel, Constantine set off for the West” (p. 247). Esclarecida esta questão, passamos a uma discussão sobre a legalidade da elevação de Constantino à púrpura após a morte de Constâncio. Doležal apresenta argumentos a favor e contra considerar Constantino um imperador legítimo ou um usurpador.

Maxêncio e Licínio são-nos introduzidos em “The Fight for the West” (pp. 265–305). Stanislav Doležal narra, em grande detalhe, os eventos que se seguiram à abdicação de Diocleciano e Maximiano: a usurpação de Maxêncio e a subsequente elevação de Licínio a *augustus* do Ocidente, bem como a aliança inicial entre Maxêncio e Constantino. Acaba também por analisar brevemente as tendências religiosas de Constantino. Posteriormente, o autor descreve-nos a invasão da Itália em 312 e procura explicar a decisão aparentemente absurda de Maxêncio, que, abandonando as muralhas aurelianas, decidiu arriscar tudo numa batalha campal que acabaria por resultar na sua morte por afogamento. Não se deixando convencer por autores como Eusébio de Cesareia, que atribuem a atuação de Maxêncio à vontade divina, Doležal aponta para o clima de insurreição popular em Roma, em parte instigado por agentes de Constantino, que terá forçado Maxêncio a tentar a sua sorte na batalha da Ponte Múlvia, no dia 28 de outubro de 312 d. C. A narrativa retoma com a aliança entre Constantino e Licínio, celebrada logo após a vitória do primeiro sobre o seu cunhado, e inclui uma descrição das campanhas militares na Gália, uma análise da imagética religiosa em cunhagens e inscrições constantinianas, e uma referência ao Concílio de Arles de 314. A meio disto tudo, Doležal refuta a existência do famosíssimo Édito de Milão.

A paz entre Constantino e Licínio não duraria longo tempo. O conflito que estalou entre os dois imperadores é tratado no capítulo “Licinius” (pp. 307–324). Stanislav Doležal dedica um primeiro subcapítulo à primeira guerra, de 316 a 317, e um outro à segunda, de 324. Em “The First War with Licinius” (pp. 307–314), o autor narra a progressiva deterioração da relação entre os dois *augusti* e, no final, estabelece o ano de nascimento dos seus filhos: Crispo, Constantino II, Constâncio II e Constante. Em “The Second War with Licinius” (pp. 314–323), Doležal destaca as diferenças entre as fontes cristãs e as pagãs, para depois refutar a causa religiosa que as primeiras apontam. Em alternativa, considera que a guerra

terá eclodido após o desrespeito da divisão territorial entre os domínios dos dois imperadores, desrespeito este perpetrado por Constantino.

O nono capítulo, "Crispus" (pp. 325–340), é dedicado a um dos episódios mais misteriosos do reinado de Constantino, a execução e *damnatio memoriae* de Fausta, sua esposa, e de Crispo, seu filho primogénito. Depois de enumerar as diferentes versões que as fontes nos legaram, o historiador procede a uma análise cuidada das mesmas e discute as várias teorias apresentadas até hoje, sem se comprometer com uma resposta definitiva.

O décimo capítulo é dedicado à última década do reinado de Constantino. Sob o título de "The Final 10 Years" (pp. 341–395), Stanislav Doležal reflete sobre a reforma prefeitural e a reforma administrativa de Constantino, a evolução do exército sob o seu comando, a corte constantiniana e seu funcionamento, a reforma monetária e a reforma fiscal do imperador, a fundação de Constantinopla, o envolvimento do imperador em questões eclesiásticas e os confrontos militares com Godos e Sármatas na fronteira do Danúbio. A acompanhar os vários subcapítulos dedicados a estes temas, temos uma interessante discussão sobre o bispo Ulfilas, evangelizador dos Godos. Por fim, o historiador checo discute os planos de invasão da Pérsia que Constantino poderá ter concebido antes de morrer a 22 de maio de 337 d. C.

O epílogo trata dos eventos imediatamente posteriores ao falecimento de Constantino. O autor aborda os planos do imperador quanto à divisão do Império entre os seus familiares e o massacre que se seguiu. No final, discute-se o possível envolvimento dos filhos de Constantino, em particular de Constâncio I, na chacina.

O livro é acompanhado de vários apêndices particularmente relevantes. O primeiro intitula-se "Claudius Gothicus as a Purported Ancestor of Constantine" (pp. 407–413) e lida com o forjar de uma conexão familiar com o imperador Cláudio II (r. 268–270 d. C.) para efeitos de legitimação. Em "The Panegyrici Latini" (pp. 415–418), Doležal oferece-nos uma brevíssima identificação dos doze panegíricos compilados em finais do século IV d. C. No apêndice C, "The Might of the Roman Army during the Tetrarchy and the Constantinian Dynasty" (pp. 419–427), o autor procede ao cálculo do número de efetivos do exército romano de finais do século III e inícios do século IV. "Constantine's Visions" (pp. 429–437) descreve, em detalhe, as 'visões' pagã e cristã que Constantino experienciou em 310 e em 312, respetivamente. Curiosamente, o último apêndice é dedicado a Diocleciano e não a Constantino. Em quatro breves páginas sob o título "The Year of Diocletian's Death" (pp. 439–442), o historiador checo procura determinar o ano da morte do fundador da tetrarquia.

No seu todo, *The Reign of Constantine, 306–337: Continuity and Change in the Late Roman Empire* pauta-se pela sua análise sóbria das fontes literárias e pela sua perspetiva abrangente e a temeridade com que aborda várias das controvérsias que sobre Constantino pairam. Ao longo da obra, Stanislav Doležal revela uma cautela extrema e uma franqueza

académica. A sua biografia não é, por isso mesmo, particularmente inovadora, mas, em contrapartida, oferece-nos um retrato especialmente fidedigno, não excluindo imperfeições e espaços em branco, e, ao colacionar as várias fontes que nos chegaram, acaba por se impor como obra de referência ou de consulta extremamente útil para o historiador. A obra poderia ter beneficiado de um estudo mais demorado da arquitetura, da epigrafia e da numismática constantininana. Mesmo assim, não deixa de servir como uma base sólida para investigações mais detalhadas sobre aspetos específicos da biografia ou da governação de Constantino. A sua leitura recomenda-se.